

*Problematizações  
culturais do “sindicalismo”  
na Argentina (1920-1940)*



## **PROBLEMATIZAÇÕES CULTURAIS DO “SINDICALISMO” NA ARGENTINA (1920-1940)**

### **RESUMO**

Este texto analisa a resistência cultural de um segmento do sindicalismo revolucionário após o rompimento deste com a Confederação Geral do Trabalho (CGT), em 1935. Enquanto o principal grupo caminhou em um sentido integrativo (CGT 2), o segmento em estudo (CGT 1) fundamentou-se nas ideias de ação direta, rejeição das mediações políticas e preferência pela educação e cultura produzidas pelos trabalhadores sindicalizados. O teatro permaneceu como o elemento principal de seu modelo, enquanto o cinema e outras expressões da indústria cultural eram rejeitados. Esportes populares, sobretudo o futebol, foram uma preocupação porque poderiam desviar a consciência proletária. Entre as dificuldades, cabe apontar a diminuição da presença das mulheres nas expressões culturais, em razão de sua escassa participação nas organizações operárias. O artigo conclui com a análise das limitações desse tipo de proposições e o seu anacronismo em meio às novas manifestações culturais adotadas pelos trabalhadores.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Sindicalismo revolucionário. Argentina. Cultura operária.  
Cultura popular.

A corrente denominada “sindicalismo revolucionário” alcançou especial vigor na Argentina e talvez constitua um fenômeno não reproduzido em outros países da América Latina. Tratou-se, como é bem sabido, de uma adaptação da fórmula do *syndicalisme d'action directe*<sup>2</sup> surgida na França, no final do século XIX e início do século XX, e sobre a qual tem retornado o debate em torno das origens de sua tese, das dívidas correspondentes ao marxismo e ao anarquismo para interpretar as concepções, sem dúvida radicalizadas, que a caracterizaram. Em minha opinião, a corrente se formou graças a um matrimônio peculiar

---

<sup>1</sup> Universidad de Buenos Aires (UBA), Universidad Nacional de Quilmes, (UNQ), Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas (CONICET). dbarrancos@unq.edu.ar

<sup>2</sup> Ver especialmente JULLIARD, J. *Fernand Pelloutier et los origines du syndicalisme d'action directe*, Paris: Edicton du Seuil, 1971; JULLIARD, J. *Autonomie ouvrière: études sur le syndicalisme d'action directe*, Paris: Gallimard, 1988; MOURIAUX, R. *Le syndicalisme en France*, Paris: Presses Universitaires de France, 1997; RIDLEY, F.F. *Revolutionary syndicalism in France: The direct Action of its Time*, Cambridge: Universidade of Cambdrige, 2008. Entre os estudos dedicados ao “sindicalismo” na Argentina, remeto a BILSKY, E. *La difussion de la pensée de Sorel et le syndicalisme revolutionnaire en Argentine* e FALCÓN, R. *Presence du Sorel dans la crise du marxisme argentin au debut du siècle.*, In: *Actes Colloque Sorel*, Paris: 1982; CAMPO, H. del, *El sindicalismo revolucionario (1905-1945)*, Buenos Aires: CEAL, 1984; CAMPO, H. del, *Sindicalismo y peronismo. Los comienzos de un vínculo perdurable*, Buenos Aires: CLACSO, 1983; MASHUSCHITA, H. *Movimiento Obrero Argentino 1930-1945. Sus proyecciones en los orígenes del peronismo*, Buenos Aires: Siglo Veinte, 1983; BARRANCOS, D. *Cultura y educación en el temprano 'sindicalismo revolucionario'*. In: *Anuario Escuela de Historia, Facultad de Humanidades*, 2a. época n.12, Rosario; Maricel Bértolo, *Una propuesta gremial alternativa: el sindicalismo revolucionario (1904-1916)*, Buenos Aires: CEAL, 1993; BÉRTOLO, M. *El Sindicalismo Revolucionario y el Estado (1904-1922)*, *Cuadernos del CIESAL*, n. 1, Rosario: 1993; CAMARERO, H. e SCHNEIDER, A. *La polémica Penelón-Marotta (marxismo y sindicalismo soreliano)*, Buenos Aires: CEAL, 1991.

entre ambas as vertentes por meio do processo no qual uma e outra perderam algumas marcas que lhes eram constitutivas, sendo a fusão o resultado das necessidades colocadas por contextos específicos de inserção da ação reivindicativa operária. De modo geral, e tal como já indiquei em outro texto<sup>3</sup>, a radicalidade do *sindicalismo revolucionário* apareceu em um momento de transição dramática entre as formas que caracterizavam a identidade do “trabalhador de ofício” e as novas modalidades do “trabalhador especializado”, processo que minaria as velhas cidadelas que resistiam à integração do nascente proletariado.

Na Argentina, a década de 1920 viu a corrente erigir-se de maneira resoluta, porém à custa de uma transformação notável de suas posições, circunstância que acabou situando-a nas antípodas dos princípios inaugurais. Nessa evolução, perdeu inclusive sua reconhecida adjetivação de “revolucionário”, passando a ser identificada apenas como “sindicalismo”. Mais adiante, durante os anos 1930, assistiu-se ao aprofundamento das mudanças, já que estas se agudizaram no sentido de uma maior transformação doutrinária, ao mesmo tempo em que sua sorte declinava, visto que já não conseguia gozar da mesma hegemonia da década anterior. Entretanto, enquanto certos princípios ortodoxos se modificavam, dando lugar a práticas gremiais afastadas da radicalidade, boa parte das concepções culturais e determinadas opções por formas e artefatos culturais mantiveram-se fiéis às antigas orientações.

Buscarei neste trabalho colocar em evidência a paradoxal constância das percepções “sindicalistas” sobre a cultura, com vistas à construção de uma subjetividade operária que estaria de acordo com seus fins e metas. Não me referirei à história organizacional da corrente, pois explorarei somente a dimensão cultural de sua proposta. Analisarei algumas dimensões que permitem reconstruir certas fórmulas exigidas à sociabilidade da classe operária entre alguns grupos de trabalhadores que aderiram às suas teses. Contudo, será imprescindível sintetizar os elementos centrais do “sindicalismo revolucionário”, identificando-o entre as outras doutrinas que se manifestaram no proletariado argentino até o aparecimento do peronismo. Embora tenha se

---

<sup>3</sup> Ver BARRANTOS, D. op. cit.

originado na Argentina em meados da década de 1900<sup>4</sup> no seio do Partido Socialista — força que em grande medida imitava as fórmulas europeias da socialdemocracia —, manteve pelo menos três elementos da vertente anarquista, a saber: a) repúdio à intervenção de qualquer agente que trabalhara em seu nome a título de representação política. Nenhum partido político podia arrogar-se a representação da “classe operária” e, menos ainda, evidentemente, do proletariado organizado; b) rejeição da ideia de uma evolução social paulatina que, finalmente, por meio, sobretudo, da ação parlamentar, poderia eliminar a opressão capitalista; c) adoção dos métodos de “ação direta” para combater a exploração operária, fundamentados na tríade bem conhecida da *greve geral, do boicote e da sabotagem* que, finalmente, produziriam o estalido revolucionário. Em suma, o prescindir da política e, mais do que isso, o absoluto repúdio à ação política partidária constituíram o base de seu programa, cujo lócus decisivo era a organização gremial.

Talvez uma diferença de peso com o anarquismo se encontre em uma maior perspectiva social que este abraçava, no fato de que a via libertária desejava constituir um movimento *universal* que, embora impulsionado pela “causa operária”, pretendia alcançar outros setores sociais com o objetivo de libertar os indivíduos de diversas ordens dominadoras e não apenas do domínio burguês. Essa faceta do anarquismo era recusada pelos “sindicalistas”, ancorados na identificação de um sujeito essencial, a classe operária, que contava com o sindicato como organismo integral de sua ação reivindicativa. O sindicato era o âmbito dirigente da socialização da classe, a instituição provedora do treinamento para enfrentar o sistema capitalista que apostava,

---

<sup>4</sup> Uma das principais figuras no processo de implantação da corrente na Argentina foi Gabriela Laperrière de Coni. De origem francesa, radicada no país em função de seu casamento com o destacado higienista Emilio Coni, aderiu ao socialismo e dedicou ingentes esforços para melhorar a condição do trabalho infantil e das mulheres. Deve-se a ela o primeiro esboço do projeto de proteção do trabalho infantil que foi retomado por Alfredo Palacios. Outras figuras socialistas que acompanharam Coni na adoção das ideias do “sindicalismo revolucionário” foram Emilio Arraga, Bartolomé Bosio e Emilio Troise. O Partido Socialista não aceitou seus pontos de vista e acabou expulsando-os de suas fileiras em 1906.

em primeiro lugar, na formação de uma consciência classista que renunciava a qualquer outra influência contaminadora proveniente da ordem burguesa.

Para os “sindicalistas”, o sindicato era a fonte pedagógica substantiva, um sistema que se abastecia com as interações unilaterais da classe e que criava, paralelamente ao sistema da burguesia, uma cultura própria que finalmente se imporia. É fácil imaginar que o socialismo, que se identificava com as fórmulas da socialdemocracia austríaca, alemã e belga, e respondia, sobretudo, à crença em uma reforma social escalonada, constituía uma inflexão deplorável para o credo sindicalista. Sua presença mais persistente era, sem dúvida, na própria vida gremial. Se o socialismo político — sua concorrência institucional participando do jogo eleitoral e co-organizando as regras jurídicas através do parlamento — parecia absolutamente questionável aos líderes sindicalistas, mais questionável ainda era a penetração das posições socialistas nos organismos sindicais porque isso equivaleria a amortecer a luta, a renunciar ao enfrentamento com o inimigo capital. Os sindicalistas, portanto, recebiam a presença socialista nas organizações operárias, atribuindo-lhe atitudes morigerantes, tendências à negociação, quando não simplesmente vacilantes. A objeção ao socialismo elevava seu tom quando quadros operários irrompiam na vida política alcançando cargos respeitáveis; tornar-se “deputado operário” parecia aos sindicalistas um verdadeiro disparate.

Porém, como cabe imaginar, impôs-se a complexidade dos alinhamentos doutrinários no movimento operário — sobretudo quando se pensa não nos quadros dirigentes, mas nos seguidores —, complexidade que o levou a adotar posições que distaram de ser quimicamente puras. Com efeito, para além dos embandeiramentos doutrinários que os núcleos organizados de trabalhadores adotavam, de suas identidades ideológicas, foi comum, à medida que aumentava a institucionalização das organizações operárias, a concorrência múltipla de ideias e sentimentos, apesar da acentuada extensão das posições “sindicalistas” na década de 1920. Na maioria dos organismos gremiais, as posições ideológicas haviam se matizado, com exceção dos organismos que respondiam ortodoxamente ao anarquismo e que se encontravam já com muitos problemas em 1922. Um dos mais importantes era aquele em que os anarquistas seguiam impulsionando organizações baseadas nos “ofícios” e estes

tendiam a desaparecer no modelo especializado que impunha o grande desenvolvimento fabril, além de um grupo de grêmios decididamente “sindicalistas”. Um exemplo disso pode ser o caso da União Ferroviária – expressão de um conjunto múltiplo de trabalhadores da via férrea – ,onde as posições pró-socialistas eram contrabalanceadas por uma forte presença pró-sindicalista.

Entretanto, pelo menos no início dos anos 1920, a corrente sindicalista, com suas posições mais ortodoxas, ocupou o centro do cenário do movimento dos trabalhadores e pôde gestar a central operária denominada União Sindical Argentina (USA), na qual, mesmo mantendo uma convivência traumática, alinharam-se diferentes agrupamentos, inclusive aqueles atrelados ao socialismo. O fim da convivência ocorreu em 1926, quando setores importantes como os dos ferroviários – divididos, por sua vez, entre “sindicalistas” e “socialistas” – confluíram para um novo agrupamento, a Confederação Operária Argentina (COA). Em 1930, um movimento tendente à unidade operária resultou na formação da Confederação Geral do Trabalho, que durou somente alguns anos. Os sempre frágeis entendimentos estouraram de maneira dramática no mês de dezembro de 1935, quando mais uma vez o setor dos ferroviários encabeçou o descontentamento e levou adiante um autêntico golpe, desalojando a representação “sindicalista”. O organismo se dividiu então nas conhecidas CGT 1, que atuava na rua Catamarca e respondia aos “sindicalistas”, e a CGT 2, dirigida a partir da rua Independência pelos “golpistas” que haviam recolocado e obtido uma hegemonia pró-socialista.

Por razões de espaço e necessidade de focalizar a questão que suscita este trabalho, suspendo a análise da racionalidade que impulsionava os setores orientados pelo grupo mais afinado com o socialismo. No entanto, paradoxalmente, pareciam em grande medida determinados pelo “sindicalismo”, já que não eram poucos os que viam sua marca em boa parte das atitudes de seus líderes. Tratava-se, em todo caso, de um modelo eclético de concepções. Porém, já indiquei que o próprio “sindicalismo” sofreu uma metamorfose severa, a ponto de o antigo preceito que impunha a exclusiva “ação direta” ter cedido lugar a experiências de negociação, até mesmo com mediação de agentes estatais inteiramente alheios à vida sindical.

Durante as décadas analisadas, o próprio Estado aperfeiçoou seu papel de árbitro na disputa entre capital e

trabalho.<sup>5</sup> Em diversas medidas, a “política” ingressou na vida sindical, e por efeitos da hibridez entre ideias e práticas – aos quais se somaram as mudanças da própria sociedade argentina no período –, o “sindicalismo” do final dos anos 1930 conservava muito pouco de sua característica inicial. Não obstante, grupos residuais se empenhavam em uma ortodoxia que, bem analisada, parecia mais um arremedo do que um credo original. Entre as mudanças de maior significado colocadas em evidência com o passar do tempo, encontram-se aquelas que têm sido mostradas por del Campo<sup>6</sup>: “Ao centrar-se na luta pelas reivindicações imediatas, a prática ‘sindicalista’ foi deixando de lado, paulatinamente, os fins revolucionários que postulava sua ideologia original, para desembocar em um reformismo que apenas se diferenciava daquele que praticavam os socialistas pelo fato de que, em vez de fundar-se sobre uma posição doutrinária, emergia de considerações puramente pragmáticas”.<sup>7</sup> O mesmo autor alude também às transformações relativas aos vínculos com o Estado:

(...) Apesar do caráter fortemente anti-estatal de suas concepções iniciais, os ‘sindicalistas’ acabaram por descobrir que o apoio de algum setor do aparato estatal podia ser vital para a obtenção de seus objetivos (...). Em lugar do enfrentamento frontal (...) os “sindicalistas” advertiram que se podia negociar com o Estado sobre a base de conveniências mútuas. O acesso do radicalismo ao poder abriu praticamente essa possibilidade.<sup>8</sup>

É meu interesse desenvolver aqui algumas notas sobre aspectos da socialização proposta aos trabalhadores na chave da “identidade cultural” pela corrente “sindicalista”, orientando-me pelas fontes que provavelmente guardaram maior fidelidade

---

<sup>5</sup> Boa parte da historiografia mostra a crescente intervenção do Estado nos conflitos, o papel exercido pelos governos da União Cívica Radical, em particular, pela figura do presidente Hipólito Yrigoyen em diversas circunstâncias grevistas.

<sup>6</sup> CAMPO, H. del, op.cit.

<sup>7</sup> CAMPO, H. del, op.cit., p. 20.

<sup>8</sup> Id., p.21.



doutrinária, com ânimo de problematizar sua retórica. Em um trabalho anterior, referente ao “precoce sindicalismo revolucionário” (1905-1915)<sup>9</sup>, indiquei as dificuldades desta vertente para consolidar o propósito de cultura autônoma contando exclusivamente com a força sindicalizada. A desconfiança constitutiva em relação aos intermediários políticos se estendia para “os intelectuais” e, neste sentido, mostrei as evidências sorelianas de plasmar uma plataforma orgânica contra a intermediação de “outros agentes culturais” externos à classe.<sup>10</sup> De tal maneira que o isolamento, e mais do que o isolamento, o propósito “autista”, constituiu por si só uma grave barreira à criação de uma oferta cultural enriquecida.

Em outro trabalho<sup>11</sup> coloquei em evidência o significado que teve a marcante ausência feminina na corrente devido ao limitadíssimo número de mulheres sindicalizadas e à circunstância de que, de modo incontestável, os grêmios orientados pelo “sindicalismo” representavam atividades com presença quase nula de mulheres, por exemplo, entre os marítimos e os diferentes grupos de operários ferroviários. Isto trouxe, emparelhadas, significativas consequências para a socialização cultural no caminho da auto-direção que se propunham, como é óbvio concluir, porque é difícil admitir as possibilidades efetivas de uma cultura construída *a partir* da classe, partindo de seu órgão “econômico”, o sindicato, com semelhante exclusão. Se era verdade que as mulheres significavam uma proporção menor na produção — ainda que a operação de invisibilidade fosse notável<sup>12</sup> —, seriam sempre pelo menos a metade da classe. Tal exclusão

---

<sup>9</sup> BARRANCOS, D., op.cit., nota 1.

<sup>10</sup> O teórico Georges Sorel, que, como é bem sabido, reivindicou o papel da violência na ação proletária e na agência social em geral, identificou-se com a corrente a partir de um exercício de auto-impugnação sobre o papel dos intermediários ideológicos e intelectuais.

<sup>11</sup> BARRANCOS, D. *Mujeres, educación y cultura en las corrientes próximas al proletariado argentino (1890-1930)*. Atas da “II Jornadas de Historia de las Mujeres a través de los Archivos Municipales”, PRIOM - Ministério da Educação/ Instituto Histórico da MCBA/ CONET/ OIT - Buenos Aires, nov. 1994.

<sup>12</sup> Sobre a condição histórica das mulheres trabalhadoras até meados do século XX, ver especialmente LOBATO, M. *Historia de las trabajadoras en la Argentina (1869-1960)*, Buenos Aires: Edhasa, 2007.

não era compensada, como no caso do anarquismo, do socialismo e do comunismo – convém recordar a paulatina incorporação da nova força, embora apenas alcance alguma ampliação em meados dos anos 1930 –, que repunham em alguma medida o déficit através de seus variados modos de manifestação e de inserção na sociedade, superando a exclusiva via corporativa. O desequilíbrio sexual no interior dos organismos gremiais não tinha, como se pode supor, consequências abstratas, senão eminentemente práticas. Onde obter o voluntariado docente, geralmente, feminino, para empreendimentos educativos autônomos? Como armar “quadros filodramáticos” próprios sem o recrutamento de mulheres? Como adaptar locais e formular programas culturais convocatórios para a classe sem uma espécie de “secretariado feminino”? Uma espécie de *autismo cultural*, ao lado da segmentação misógina, assediaram o plano de constituir a identidade da classe com a impressão da organização gremial. Em suas notas essenciais, o conceito de cultura que permeava o sindicalismo remetia a uma estreita noção *economicista e corporativa* que se encontrava na própria base de sua afirmação identitária. Como apontava uma de suas figuras mais eminentes, Arturo Labriola, depois de indicar que o “sindicalismo revolucionário” em um primeiro momento “não trata de se pôr de acordo, antes pelo contrário, de impor-se (...) porque o sindicato quer ser amo”, concluía que “o segundo momento a se considerar é este outro. O objeto do movimento está definido por seu caráter econômico. (...) O feito revolucionário é econômico”.<sup>13</sup> Finalmente, propunha a ideia de que, “no ato revolucionário, o Sindicato trabalha como *criador*, e se quereis como *inventor*, isto é, como um artista que desenha um molde novo à realidade”.<sup>14</sup> O próprio Labriola exibia o programa de transformação subjetiva que hasteava a proposta e que conduzia à obtenção entre os trabalhadores homens de “qualidades superiores às acostumadas”. Vejam-se suas convicções sobre a superioridade procurada:

O sindicalismo revolucionário que incita nos operários as faculdades mais elevadas e inventivas, aquelas

---

<sup>13</sup> LABRIOLA, A. Los límites del sindicalismo revolucionario. In: *USA* 18 nov. 1937. Grifado no original.

<sup>14</sup> Id. Grifado no original.

qualidades que em maior ou menor medida dormitam em todos os homens e que podem ser despertadas mediante um hábil jogo de pedagogia, prepara para a sociedade uma geração de homens fortes, enérgicos, aficionados pelo trabalho, cheios da dignidade de seu estado, produtores excelentes, homens não mercantilistas, não corrompidos, que não correm atrás das pequenas coisas, que não são serpentes que se arrastam e que ascendam arrastando-se, mas sim águias atrevidas que podem olhar o sol sem temer as pálpebras.<sup>15</sup>

Como se pode observar, a identidade proposta se ligava indivisivelmente à matriz da produção econômica e a uma exultante celebração do trabalho produtivo.<sup>16</sup> Uma semiologia de estreita correspondência aos arquétipos da transformação da matéria e as ideias de força, energia, estima pelo trabalho estavam nos cimentos da nova construção espiritual e moral. Indubitavelmente, estes discursos confirmam a notória exclusão das mulheres no programa redentor.

Nessa mesma tessitura se enquadrava o *Decálogo do militante*, difundido no final dos anos 1930, uma peça moral que se oferecia exemplarmente como norma e espelho de uma subjetividade esculpida a partir da ainda excludente usina de socialização, o sindicato. Vale a pena reproduzi-lo:

---

<sup>15</sup> Id.

<sup>16</sup> Ao final de 1921, a revista *Páginas Libres* de Necochea – uma localidade situada na costa atlântica bonaerense com atividade portuária –, com a colaboração de uma figura de grande significado nos albores do “sindicalismo revolucionário” argentino, Bartolomé Bosio, encaminhou uma enquete a “30 trabalhadores autênticos”, com o objetivo de elucidar preocupações em torno do que aparecia como uma inflexão do enaltecimento do trabalho. Tal enquete foi encaminhada sob o título “A moral do trabalho” e continha os seguintes tópicos: (1) Como você considera o trabalho? (2) É verdade que o trabalhador tem perdido a fé no trabalho e já não experimenta alegria em sua obra de criador? (3) Quais são as causas? (4) Existem elementos de uma nova moral do trabalhador? (5) Em que consiste essa nova moral? As conclusões realizadas por Bosio colocavam em evidência a persistência, no “ser dos trabalhadores”, “de uma moral superior ao pensamento burguês”.

- 1° - *Será autodidata e disciplinado com a organização.*
- 2° - *Amará e respeitará os trabalhadores como a si mesmo.*
- 3° - *Comportar-se-á como homem para defender-se e como companheiro para defender os demais.*
- 4° - *Deverá ser pontual no cumprimento de todos os deveres.*
- 5° - *Fugirá do vício e dos maus costumes.*
- 6° - *Cumprirá rigorosamente e fará cumprir os acordos coletivos.*
- 7° - *Trabalhará sempre com justiça para si e para seus semelhantes.*
- 8° - *Serão normas de sua conduta a simplicidade e a austeridade.*
- 9° - *Se se comporta com retidão, será estímulo e exemplo para os demais.*
- 10° - *Para um militante digno somente devem contar os resultados de seu labor, nunca os sacrifícios realizados.*<sup>17</sup>

É necessário assinalar que durante esses anos, o ascenso do nazifascismo e a deflagração da guerra civil espanhola significaram uma abertura da ótica, impulsionada, sem dúvida, pela necessidade da busca por aliados para frear a barbárie. O apoliticismo canônico e as atitudes reverenciais do obreirismo iniciático cederam passo a uma compreensão mais plástica. As velhas posturas pareceram render-se à evidência de que o mundo capitalista havia se complicado demasiadamente para que apenas os operários pudessem lhe fazer frente. Matsuschita<sup>18</sup> registrou bem o sentimento auto referenciado do antifascismo “sindicalista” no sentido de que sua elucidação do fenômeno e as notas essenciais do enfrentamento eram uma questão da classe operária e não dos partidos políticos ou de qualquer outro segmento social. Creio, no entanto, que não compreendeu bem a evolução da retórica da corrente durante os anos da guerra civil espanhola. Baseio-me em certas manifestações que sem dúvida revelam uma mudança dentre as quais se encontram a inclusão de temáticas celebratórias das mulheres combatentes, a ampliação dos atores que deviam enfrentar o nazismo, com idênticas responsabilidades à classe operária, a incorporação de um sentimento mais inclusivo e vasto sobre a destruição humana e cultural que produzia o

---

<sup>17</sup> USA, 30 dez. 1937.

<sup>18</sup> MATSUSCHITA, H. op. cit.

avanço nazifascista, o reconhecimento, enfim, de que a cultura universal finalmente se encontrava em grave risco. Sem dúvida, assinalou com nítida fidelidade que as responsabilidades maiores se encontravam entre os trabalhadores, mas isso equivalia a perder o estilo sectário que presidia suas admoestações. A título de exemplo, quando se estava em plena guerra na Espanha, o dramático editorial “Que fazer?” do principal periódico, USA, indicava:

Assim como cada vez em que os povos e sociedades, ao longo da história, estiveram próximos de transformações profundas, nos encontramos frente a um quadro confuso e obscuro no qual se chocam e entrecruzam as correntes conservadoras e retrógradas e as correntes evolutivas em marcha, rumo ao porvir. Resulta difícil para aqueles que o contemplam, sem o concurso dos princípios científicos que foram ditados por sociólogos eminentes e nos quais se inspira o proletariado consciente, adotar a posição exata, em consonância com a hora que vivemos, e que não contradiga a consequência ou relação permanente que deveria existir entre o modo de pensar e o meio econômico em que se vive.<sup>19</sup>

Indicava os efeitos lamentáveis da “falta de educação política dos homens e dos povos em geral”, em relação ao regime capitalista, à ilegitimidade da propriedade privada e ao limite da própria democracia política, e salientava que o fascismo havia se incubado no seio do capitalismo, inventando “emblemas e símbolos ao conjuro dos quais labora a mística totalitária que encerra a negação dos atributos mais belos, consentidos e até cultivados pelo mesmo”. A questão era “O que fazer, para não retroceder, para não ser aniquilados e para legar às gerações de amanhã o maior aporte possível de valores morais e espirituais, sem cujo concurso nada harmônico, nem valioso poderão cimentar?”.

Indubitavelmente o impulso devia recair em primeiro lugar sobre os próprios trabalhadores, mas agora em um sentido

---

<sup>19</sup> USA, 15 jul. 1937.

amplo e fraternal e, apontando de algum modo a uma autocrítica, era necessário ligar “nosso trabalho de cada momento aos princípios que sustentam nossas esperanças, *revedo com critério depurador a trajetória que temos seguido* e apreciando em perspectiva a hora responsabilidade da hora atual”.<sup>20</sup> A isso deveria se somar a necessidade de aproveitar “os ensinamentos que os últimos acontecimentos nos têm trazido”. Finalmente, o editorial reconhecia, como um novo gesto, a necessidade de “depor os ódios entre nós, os trabalhadores”, de contribuir com a derrota “do obscurantismo reinante”, tornando-se “guias verdadeiros daqueles que em meio ao caos e ao naufrágio de valores ao qual assistimos, não sabem que rumo tomar”.

A nota é uma mostra da tentativa de inversão das concepções sindicalistas, cujos sinais podem ser a amplitude com que se convocava a participar dos atos de repúdio ao nazifascismo.<sup>21</sup> Entretanto, a retórica relativa às principais dimensões culturais e midiáticas seguiu mantendo-se dentro de margens conceituais estreitas, muito conservadoras, pois mantinha as visões inaugurais da corrente. Refiro-me à desconfiança marcante em relação aos novos meios, o cinema e o rádio, especialmente, e a defesa do “teatro social”, de seus autores e daqueles que impulsionavam sua encenação, denotando outras manifestações da atividade cênica nas quais o “sindicalismo” seguia vendo a marca deplorável da ordem burguesa. Não obstante, poderia se asseverar que o teatro era em geral visto — e não apenas pelos setores próximos ao movimento social — como uma fórmula cardinal da criação artística. Constituía uma experiência superior, aparentada com o que havia de mais essencial na educabilidade humana porque o cênico representacional era uma experiência estética sublime. Tanto durante os anos 1920 quanto nos anos de 1930, os programas de propaganda ideológica e as atividades culturais do “sindicalismo”

---

<sup>20</sup> Grifo meu, DC.

<sup>21</sup> Um informe de *USA*, repetido durante o mês de julho desse mesmo ano de 1937, dizia: “Camarada: No aniversário da sublevação fascista-militar da Espanha demonstre seu repúdio aos causadores, bem como sua adesão aos leais, que lutam heroicamente em defesa da liberdade, participando nos atos de homenagem e solidariedade que por esse motivo se realizam nestes dias”.

se apoiaram fortemente na conferência e na representação teatral, variando muito pouco em relação às décadas anteriores e fazendo um emprego muito escasso de outros recursos. Somente tangencialmente se incorporou a vigília cinematográfica de caráter didático, algo que havia se tornado comum nas fileiras socialistas. Porém, o desempenho de um teatro próprio continuou tendo notáveis problemas devido às dificuldades para obter elencos próprios, estáveis e de boa qualidade. De modo muito aleatório, algum quadro filodramático se estabelecia em algum sindicato por um lapso de tempo prolongado, o qual devia contar com o concurso de outros amadores — não se deve esquecer que havia uma generosa atividade em outros círculos próximos à vida operária<sup>22</sup> —, e especialmente com corpos atonais improvisados. Frequentemente, questionou-se a qualidade de tais representações, tal como ocorreu com a função auspiciosa de arrecadar fundos para a União Sindical Argentina, em setembro de 1922, cujo cronista se encontrava obrigado a confessar que a vigília havia sido “um sucesso material e moral, mas não *educacional*, uma vez que o quadro que representou “Mãe Terra”, desenvolveu esta vigorosa obra deficientemente, produzindo uma ingrata impressão entre os companheiros”.<sup>23</sup>

Com evidente decepção, acrescentava o crítico: “Nos dói fazer este juízo sobre o quadro, como o faremos com tantos outros, mas é pelo bem da arte cênica, que se ressentiu diante de más interpretações e da qual devem cuidar preferencialmente os companheiros amadores...”. Finalmente, e abandonando a ideia

---

<sup>22</sup>Dentre os grupos de atores amadores que costumavam concorrer às vigílias “sindicalistas”, encontram-se os quadros filodramáticos “A Rebelião”, “A Luta”, “Juventude Operária”, e um dos poucos que respondeu de maneira direta às organizações operárias foi o dirigido por José Genovese, que se desempenhava também no circuito “comercial” da arte cênica. Devemos imaginar que estes quadros tinham um caráter independente, embora aderissem à causa do proletariado. Sobre o teatro de amadores, cabe dizer que, durante as décadas de 1930 e 1940, estes tiveram inserção muito distinta, visto que em geral se tratou de uma atividade muito praticada no variado mundo das organizações civis e religiosas. A representação cênica amadora foi um fenômeno muito abrangente em todo o país, que vinculava homens e mulheres e que deve ser visto como uma parte expressiva da difusão da cultura letrada.

<sup>23</sup> *Bandera Proletaria*, 14 set. 1922

sobre os problemas de incompetência atoral que colocaram em xeque os esforços dos grêmios “sindicalistas”, o autor da nota finalizava: “Não é um mal particular infelizmente, mas sim bastante generalizado em nossos ambientes”.

No mesmo sentido se expressava Magin Castells, alarmado pela baixa capacidade artística reinante no meio sindicalista. Depois de indicar a inegável importância de contar com “quadros de operários selecionados” dedicados a “colocar em cena as obras da dramaturgia revolucionária”, Castells apontava: “Existem dentro dos quadros operários alguns elementos com condições para cultivar o teatro, porém não possuem boa direção. Assim, as vigílias são entediantes. As obras são encenadas de qualquer maneira; falta ensaio (...), falta coesão aos quadros dramáticos, a parte técnica é pobre (...) e ainda pior é o repertório”.<sup>24</sup>

É verdade que alguns cronistas minimizavam estes problemas, ou simplesmente preferiam uma atitude complacente, preocupados apenas em exaltar as virtudes intrínsecas dos próprios atos, como é o caso daquele que dá notícias sobre a vigília em homenagem a Francisco Ferrer — o muito conhecido pedagogo racionalista catalão, de filiação anarquista, executado em 1909 —, organizada pela Comissão de Propaganda e Cultura da Federação de Operários das Construções Navais, que aparentemente contou com numerosa concorrência, a 14 de outubro de 1922 no Teatro Verdi. Entre outros números, o programa exibia a encenação das obras *Pão Branco* e *Entre doutores*, a cargo do quadro “A Luta”, e o cronista não hesitava em assegurar que “foram cumpridos satisfatoriamente e podemos afirmar sem presunção alguma, que por ser a primeira vigília organizada por esta comissão, teve um grande êxito não material, senão moralmente, porque os concorrentes à mesma não foram desapontados”.<sup>25</sup>

Uma má atuação do elenco filodramático comprometia ainda mais os organizadores, pois as sessões em geral não eram gratuitas, desenvolvendo-se muitas vezes em salas importantes,

---

<sup>24</sup> CASTELLS, M. “Los cuadros filo-dramáticos de obreros y el teatro de ideas”, “Bandera Proletaria”, 15 dez. 1922.

<sup>25</sup> *La Unión del Marino*, 16 nov. 1922.



como o mencionado teatro José Verdi ou o Giuseppe Garibaldi. Tornou-se uma prática os assistentes pagarem e, embora os preços resultassem mais baixos que os convencionais — uma plateia costumava custar em torno de um peso argentino e um camarote entre 4 ou 5 pesos, e invariavelmente havia descontos para as mulheres —, não cabem dúvidas sobre as reclamações posteriores frente a espetáculos de má qualidade. Por outro lado, deve-se considerar que a representação teatral era concebida como um meio educativo e de entretenimento que, apesar de constituir um segmento de profundo significado na propaganda, enquadrava-se em um conjunto de signos rituais, como entoar os “hinos sociais” — geralmente por “toda a orquestra” — e ouvir, em plena sintonia, da conferência central. Não há dúvida de que o que estava em jogo era o teor comunicacional que suscitava a co-presença de militantes e simpatizantes. O mais importante era a função coletiva do espetáculo, a interação que produzia o encontro.

Indiquei em um dos trabalhos já mencionados<sup>26</sup> que a “vigília teatral” propiciada pelos “sindicalistas” oferecia a peculiaridade de que sua encenação, além de não contar com um grande número de oradores principais — geralmente se limitou à intervenção de apenas um conferencista —, sustentou um estilo no qual se aliviava a sobrecarga didática da mensagem. Efetivamente, privilegiavam-se os “dramas sociais”; em todo o caso, entre os impulsionadores dos programas culturais, pareceu necessário deleitar e entreter, moderando as mensagens dirigidas a mostrar a exploração, a miséria e a injustiça. Quase sempre o programa matizou os elementos didáticos diretores com oportunidades de festividade, tal como revela a incorporação de números ou peças cômicas, desprovidas de efeitos normativos, e a inclusão de repertórios de música popular. Neste último caso deve reconhecer-se que houve uma evolução à altura das demandas do período. Um programa bastante ilustrativo pode ser o levado a cabo em agosto de 1928 no salão 20 de Setembro — Alsina 2830, na cidade de Buenos Aires — em benefício da Caixa Social da Associação de Trabalhadores da Comuna:

---

<sup>26</sup> BARRANCOS, Dora. op. cit. nota 1.

- 1° - Hino dos Trabalhadores pela orquestra.
- 2° - Abertura do ato pelo Secretário da Associação.
- 3° - Encenação de "Mãe Terra"
- 4° - Conferência do Prof. Julio R. Barcos.
- 5° - Recitação poética.
- 6° - Farsa Cômica: "5 por 8,40, te espero na leiteria"
- 7° - Números de cantos e canções populares por Herminia Velich
- 8° - Cantos musicais por Alberto Lerena
- 9° - Atuação da orquestra típica Juan Polito
- 10° - Baile familiar<sup>27</sup>

Mas, além dessa inflexão na gravidade da mensagem, fica claro que uma sessão educativa completa se estruturava em torno da representação teatral. E, se por um lado, havia queixas sobre as deficiências atorais, por outro algumas vozes se levantavam reclamando do limitado repertório do verdadeiro "teatro de ideias" frente à criação convencional no meio argentino. O já mencionado artigo de Castells concluía que, "à exceção das obras de Florencio Sánchez, de algumas obras de Pacheco e de Ghiraldo<sup>28</sup>, todo o restante do chamado teatro nacional é detestável". Na perspectiva do "sindicalismo", aquartelado na quase exclusiva reserva cultural do teatro, a expressão crítica que o caracterizava se circunscrevia a um pequeno círculo de autores verdadeiramente *comprometidos*, estrangeiros em geral:

---

<sup>27</sup> *Bandera Proletaria*, 18 ago.1928. A incorporação de Julio R. Barcos não deixa de chamar a atenção. Figura de projeção no anarquismo dos anos 1900, educador de grande dignidade associado à escola racionalista e às lutas do magistério argentino, tomou distância dessa vertente em 1919. Incorporado à educação oficial, suas posições não abandonaram o caráter crítico que o havia identificado. Sem dúvida, acompanhou em alguma medida os esforços "sindicalistas" durante a década de 1920, pois é comum encontrá-lo participando como principal conferencista abordando diversas questões e não apenas problemas de educação. Costumava também escrever na imprensa partidária, particularmente em *Bandera Proletaria*. Entre outras atuações, Barcos dirigia a publicação *El auto argentino* do grêmio de choferes que se orientava pelo sindicalismo.

<sup>28</sup> Trata-se de duas importantes figuras intelectuais do anarquismo: Alberto Ghiraldo atuou especialmente nas décadas de 1900 e 1910, e Rodolfo González Pacheco foi um dramaturgo que alcançou certa notoriedade, impulsor dentre outras iniciativas, do conhecido jornal *La Antorcha* durante os anos 1920.

Mirabeau, Ibsen, Gaspar, Thompson e alguns mais. Um articulista reclamava que “o mínimo que se pode e deve exigir dos que escrevem para o público é sinceridade. É de sinceridade que carecem (sic) normalmente todos os homens de letras, que têm feito delas um meio de vida indecoroso e torpe”.<sup>29</sup> “Ao contrário dos escribas – continuava – encheram a praça de livros, de folhetos (...) não colocaram um só traço de seus sentimentos, de sua sinceridade. (...) Responderam às exigências do mercador (...), ajustam-se aos interesses comerciais”. O autor da nota recordava aos autores que sua escritura “ia diretamente ao homem”, e com uma redação confusa, indicava que os personagens da ficção deviam se identificar com as reais. Aqueles que escreviam teatro careciam “de sinceridade e de nobreza”, porque sua escritura se dirigia “diretamente a atacar as fibras simples do espectador que em razão de querer ver tratada sua tragédia íntima, cotidiana, *acode aos teatros para encontrar em suas obras uma solução para a enormidade de sua existência*”.<sup>30</sup>

Sua conclusão era paradoxal: “O teatro, que é tribuna da educação, foi degenerado de tal modo pelos comerciantes da pluma, que para assistir a ele, há precisamente que se desinfetar”. Poucas vezes transborda o sentido de imediatez didática conferida ao teatro como neste alegado, onde o didatismo se identifica com o terapêutico. Se estas manifestações correspondem aos anos 1920, não se devem esperar grandes mudanças na próxima década, na qual a “atribuição de consciência crítica”, provida pela arte, não oferecia concessões, e a diatribe contra as manifestações artísticas locais pareceu agudizar-se, talvez para marcar outra linha fundamental de diferença com as expectativas de seus adversários socialistas. Efetivamente, durante esses anos em que o teatro argentino adquiriu notáveis projeções e, sobretudo, cresceram o cinema e a radiodifusão, a partir do principal órgão difusor da outra CGT, nas mãos dos socialistas, houve uma especial dedicação que seguiu seu desenvolvimento e, sobretudo, a dos protagonistas do meio artístico com vistas a somá-los à causa do proletariado, bem como organizá-los. A CGT opositora havia realizado mudanças notáveis na apreciação dos

---

<sup>29</sup> La sinceridad de los autores teatrales. In: *Bandera Proletaria*, 8 set. 1922.

<sup>30</sup> Id., Grifo meu, DC.

novos meios, dentre as quais sobressaía uma exaltação do cinema, e, sobretudo, da indústria cinematográfica local, a qual era vista como promissora e da qual também cabia esperar o desenvolvimento das forças do trabalho e um crescimento ponderável da produção.<sup>31</sup>

Mas o contraste com as concepções da CGT Catamarca era notável. Em maio de 1938, uma matéria importante – por seu lugar destacado e por sua extensão – aparecida no jornal *USA* sintetiza os sentimentos “sindicalistas” em relação às formulações de socialização cultural da década. Sem que se possa identificar seu autor, escudado pelas iniciais “L.B”, a nota *Nas mãos de quem está a cultura?* resulta em um dos balanços mais difamadores, como se verá, que se inicia com uma assertiva radical: “Os povos têm os governos que merecem; os Mussolini que suportam; os Hitler que colocaram na bolsa; o cinematógrafo que auspiciam; o teatro que aguentam; os literatos que coroam; as novelas que leem...” Os povos também são responsáveis pelos “trustes de cultura que glorificam; pelos diretores de biblioteca que lhe foram rifados” e por outra comprida enumeração de “calamidades” – na qual evidentemente não falta a eleição de governantes – que teriam determinado “que chegamos ao fundo do poço”. Porém, paradoxalmente, se os povos são responsáveis por suas próprias calamidades, ao parecer que aqueles que têm em suas mãos a condução das coisas, especialmente da cultura, estão “divorciados do povo”, porque “fechados em sua casca de ‘minorias seletivas’ menosprezam a plebe...”. A nota abre uma reflexão para cada uma das artes e dos meios, começando certamente, pelo teatro. “Que confiança moral – questiona – possuem estes serranos que sitiaram o templo de Talía?”. Empresários, diretores, atores, autores são responsáveis pelos “lixos indigestos que o público, ai!, engole em virtude de adoçar-lhes o purgante com decorações excêntricas”. Atribui a

---

<sup>31</sup> O periódico da CGT Independencia dedicou uma sessão à cinematografia, na qual se apresentava a crítica às visões nacionais e estrangeiras, o que permite verificar uma mudança singular das matrizes ideológicas, pois começou a se habilitar a abordagem de “pátria” e “Nação” como nutrientes das classes trabalhadoras. Defendiam-se os quadros que exaltavam os tópicos nacionais.

mediocridade à ideia que estes têm “do público indolente que exige tais ofensas traiçoeiramente”. E mais uma vez aparece o paradoxo, pois o autor replica: “Mentiras! Pretextos de comerciantes sem escrúpulos...”

O grande teatro, as grandes companhias, não se salvam, “desenterram melodramas medievais, híbridos, insossos, enfadonhos, soporíferos” que propõem “brincadeiras de carrossel neste bendito século do aero dinamismo, onde (...) se aniquila Guernica ou os pobres negros africanos”. E nesta tensão que, em alguns momentos atribui a responsabilidade àqueles que têm capacidade de decisão e, em outros, aos “povos”, o autor decide desta vez que a culpa é do público “que paga e cala (...). E vai embora aborrecido porque perdeu tempo..., mas volta, volta novamente e paga. Se tivessem derrubado alguns teatros e reduzido a escombros uma dezena de plateias, e enviado à prisão os assassinos do idioma, corrompedores dos costumes, seria outra coisa!”

O espetáculo do cinema resultava ainda mais deplorável, “malandros, prostitutas, assassinos, dramas turvos, argumentos vazios, subúrbios imaginários, amores licenciosos e tudo, tudo que seja grosseiro e draconiano... Já se sabe qual tipo de cultura nos farão deglutir tais pastores”. Como se pode notar, tratava-se de uma oposição rígida a um meio que já havia conquistado amplamente todos os setores do país e, sobretudo, todas as classes médias e os setores operários.

A radiofonia havia sido uma promessa, “muito instrutiva a invenção (...). Até poderia se fazer o milagre de evitar a guerra por meio da aproximação dos povos irmãos”, mas está em más mãos, e o que se irradia no radioteatro se aproxima do “barbarismo”. O jornalismo também estava no pelourinho, “regido por ‘chantagistas’, a “infeliz cultura está esperando que apareça o messias que, com o chicote na mão, expulse os mercadores do templo”. “Um concurso sério — acrescenta — (...) colocaria por terra tanto nome vazio, estúpido, hiperbolicamente chamado cultos que, se estão no poder, não há de ser seguramente por méritos próprios”, em alusão direta às tendências particularistas que caracterizavam o campo da cultura, o amiguismo, as influências e as “cunhas” de poder para arribar. Somente sua eliminação acabaria com “os personagens que, tendo o estômago repleto e seus intestinos funcionando normalmente se crêm os beneficiários do culto à cultura”.

Detive-me neste texto — que sintetiza uma semiologia arquetípica na vertente que venho analisando — para refletir sobre algumas consequências no traçado de subjetividades em relação à “cultura”. A histórica desconfiança nos mediadores se patenteia aqui através de uma retórica invalidante. Não se trata apenas de expurgo — a censura esteve na ordem do dia na estética próxima do proletariado — senão de obstrução. Entre os partidários sindicalistas, o fantasma da “integração social” pareceu constituir uma autêntica preocupação, ainda que práticas institucionais que tendiam a desmistificar sua sólida radicalidade tivessem avançado. Estava-se em um momento de ruptura no qual o velho universo de propósitos de uma “cultura de classe própria” estava em xeque pela invasão da investida midiática. Sem dúvida, os sentimentos dos resistentes “sindicalistas” compartilhavam as mesmas preocupações e a mesma censura à massificação, de Adorno e Horkheimer. Na mesma época, a Escola de Frankfurt começava a balbuciar seu xeque à *indústria cultural*. A sociabilidade cara a cara havia deixado de ser moeda corrente nas instituições sindicais, sobretudo naquelas que respondiam a atividades gravitantes e numericamente significativas, colocando-se em evidência o aumento da burocratização, do número de “permanentes”, isto é, entrara-se com tudo na era da não rotação e do reconhecimento retributivo àqueles que se dedicavam às tarefas de condução gremial. Por outro lado, os programas celebratórios próprios, educativos e culturais, estavam cada vez mais distantes de restituir a antiga sociabilidade, se se tem em conta a eficácia alternativa do cinema e da rádio.

#### REFLEXÕES FINAIS

Subsiste a impressão de que entre as forças resistentes “sindicalistas”, apesar da usual inflexão do propósito educativo que havia cedido lugar a manifestações lúdicas e “inconsequentes”, havia se instalado a preocupação premonitória acerca da perda do perfil “letrado” da subjetividade operária. A contaminação das vias culturais no final dos anos 1930 era algo já muito evidente e este texto nos devolve, creio que com pouca deformação, o estado descarnado da evidência. O resultado é então uma espécie de “nihil”, uma completa obstrução de múltiplas vias da cultura popular; contaminadores e contaminados

devem deixar então o cenário. Entretanto, a retórica, que tem formas agonísticas, já não possui sujeitos históricos para substituí-los, pois já escasseiam os operários movidos quase exclusivamente pelo prazer e pela ressonância significativa da cultura letrada, e parece diminuir o número de autores satisfeitos com o compromisso de classe.

Evidentemente, não deixa de constituir uma enorme preocupação a orientação já decisiva das massas em relação aos espetáculos esportivos, especialmente o futebol<sup>32</sup>. Diferentemente dos socialistas e dos comunistas, que introduziram o futebol como uma ferramenta para a construção de outras vias para a consciência proletária, os “sindicalistas” resistentes se negam a ter pactos com os esportes e com os jogos.

O resultado destas posições – observadas em perspectiva histórica – não pôde ser outro senão o de um giro sobre a própria concepção de cultura. Se não há um intercâmbio inclusivo e bidirecional entre as classes trabalhadoras e agentes culturais, resta então apenas o gesto amargo da renúncia. Um pouco de tudo isso se encontra na própria construção do propósito “sindicalista”, no marcante solipsismo de suas fórmulas, na desconfiança em relação aos mediadores intelectuais e políticos, no viés misógino que implicava além de certas concessões – especialmente para homenagear as heroicas mulheres espanholas<sup>33</sup>

---

<sup>32</sup> Em janeiro de 1938, o jornal *USA* publica de maneira destacada a nota “Los partidos obreros y la organización sindical”, na qual volta a sublinhar a necessidade de toda a independência dos partidos políticos levando em conta a iniciativa do socialista Joaquin Coca – antigo militante do socialismo – de criar o Partido Socialista Operário “para substituir os partidos históricos que afundaram o país”. “Que descoberta!” – diz – “Ah! Como estes farsantes conhecem a idiossincrasia de nosso povo; dessa massa que não pensa, durante os 365 dias do ano, senão nas sessões futebolísticas dos sábados e domingos!”. As “rixas” dos estádios de futebol ou do “Luna Park” são os componentes da base operária na qual os políticos trabalhistas [*obreiristas*] assentam suas construções... e os burgueses” (grifo original).

<sup>33</sup> Não se pode negar, entretanto, que tenha havido certa abertura para tratar a situação das trabalhadoras. Embora seu tratamento tenha sido esporádico, poderia se destacar a preocupação exibida em meados dos anos 1930 pelas condições de trabalho das telefonistas, tal como pode se observar em *USA*.

—, o “fundamentalismo operário” que o submetia a uma clausura *ahistórica*. É necessário seguir refletindo sobre as condições de fechamento e obstrução da cultura com o propósito de não circularidade, porque as fugas — em todo o caso inevitáveis — podem ir parar em praias inesperadas. E permita-me encerrar esta abordagem com algumas interrogações: Não se deveria pensar que esta obstrução também se enraíza com o magnicídio do letrado que caracterizou a insurgência peronista? Não deveríamos refletir que uma extrema condenação das formas não transcendentais da cultura, ao autorizar apenas certas escolhas estéticas, acaba excomungando as vertentes vivas das sensibilidades populares? Afinal, a completa sanção da *indústria cultural* não contribuiu para enraizá-la nos sentimentos das massas?

Tradução Maíra Machado Bichir

Revisão técnica da tradução Fernando Teixeira da Silva

---

<sup>33</sup> Não se pode negar, entretanto, que tenha havido certa abertura para tratar a situação das trabalhadoras. Embora seu tratamento tenha sido esporádico, poderia se destacar a preocupação exibida em meados dos anos 1930 pelas condições de trabalho das telefonistas, tal como pode se observar em *USA*.



## **CULTURAL PROBLEMS OF DE “SYNDICALISM” IN ARGENTINE (1920-1940)**

### **ABSTRACT**

It shows the cultural resistance of a segment of the “revolutionary syndicalism” after the breaking up made by this section within the Confederacion General del Trabajo (CGT) in 1935. While the main column evolved in an integrative sense (CGT 2), the segment in study (CGT 1) based itself in the ideas of “direct action”, rejection of political mediations and preference for education and culture as produced by the syndicated workers. Theatre continued to be the main discipline in their model, while cinema and other mass formulas of cultural industry were rejected. Popular sports, especially football, were a topic of attention because of the deflection from proletarian consciousness it could mean. Among the difficulties, it is pointed out the lessening of women participation in the cultural expressions due to the scarce participation of them in workers organizations. It concludes on the limitations of this proposition and the anachronism it represents among the new cultural manifestations adopted by the workers.

### **KEYWORDS**

Revolutionary Sindicalism. Argentine. Labor Culture. Popular Culture.



III Congresso Nacional de Jornalistas. Edgard Leuenroth, o segundo, da direita para a esquerda. Salvador, Bahia, 4 a 12 de nov.1949. (Acervo Família Leuenroth; Arquivo Edgard Leuenroth/UNICAMP, Campinas, São Paulo, foto reproduzida n. 27.)